Como desenvolvi a Família 35

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

Começarei com alguns antecedentes. Durante quarenta anos da minha vida adulta, minha trajetória girou em torno de missões transculturais. Perto do final desse período, eu nutria a esperança de que o Brasil se tornasse um grande país enviador de missionários. Por cerca de dez anos, promovi missões em igrejas por todo o país. Na década de 1990, integrei o movimento AD 2000 e, impelido por um senso de urgência, fundei em 1996 uma escola de treinamento missionário que tinha o seguinte objetivo declarado: preparar um tipo de obreiro cristão que possuísse três qualidades: 1) compromisso total com Cristo e Seu Reino; 2) compromisso sincero e informado com a autoridade objetiva do texto bíblico; 3) capacidade de utilizar o poder de Deus de maneiras visíveis. Eu tinha em mãos os nomes e endereços de mais de 3.000 pastores aqui no Brasil. Preparei um folheto em duas cores apresentando e explicando a proposta e o enviei a todos eles pelo correio. O resultado foi uma rejeição total. Mesmo assim, quatro de nós, compartilhando a mesma visão, inauguramos a escola em agosto de 1996. Ela capengou por dois anos e meio e morreu à míngua em dezembro de 1998. A principal dificuldade era que as igrejas estavam destruindo a fé de seus jovens, de sorte que simplesmente não havia candidatos para o tipo de obreiro que eu queria preparar. Mas, na época, eu ainda não havia percebido isso.

Pois bem, sou escravo do Soberano Jesus, e tenho a convicção de que foi Ele quem me deu a visão para aquela escola. Eu precisava levantar a "bandeira" daquelas três qualidades. Até hoje creio que, se pudéssemos preparar um exército com essas qualidades, conquistaríamos o mundo. No entanto, a liderança evangélica do país rejeitou totalmente a proposta. Assim, meu sonho morreu, e eu disse ao meu Dono: "E agora, Dono? O que o Senhor quer que eu faça agora?" E Ele me respondeu: "De agora em diante, tua tarefa será fazer aquilo para o qual te criei; te criei para promover a autoridade objetiva do texto bíblico, especialmente do Novo Testamento". Então eu disse: "Sim, Senhor!" (Eu tinha 64 anos na época.)

Ora, é fácil dizer "promover a autoridade objetiva do Novo Testamento", mas como fazer isso na prática? Passei um ou dois anos patinando, experimentando um pouco de uma coisa e um pouco de outra. Então me veio: existem pelo menos oito edições diferentes do Novo Testamento grego no mercado; então, qual delas eu deveria escolher para promover a sua autoridade objetiva? A autoridade objetiva depende de uma redação definida, uma vez que o sentido depende da redação. Eu já defendia a posição do Texto Majoritário, tendo sido o primeiro presidente da *Majority Text Society* (Sociedade do Texto Majoritário). Durante aquele tempo, eu havia tentado formular uma teoria de texto

majoritário, mas fui frustrado pelas centenas de lugares onde simplesmente não existe um texto majoritário; nenhuma das variantes de leitura conta com 50% de atestação entre os manuscritos gregos conhecidos. Dito isso, na grande maioria das vezes a maioria representa pelo menos 95% dos manuscritos, o que significa que tais leituras dominaram a história da transmissão ao longo dos séculos; elas são atestadas pela vasta maioria das linhas de transmissão. Portanto, presume-se que sejam originais. No entanto, para uns 2% das palavras do Novo Testamento, a maioria fica abaixo de 80%, o que é menos "confortável". Ainda assim, o Texto Majoritário de Hodges-Farstad me pareceu o ponto de partida lógico.

Foi a forma como o Texto Majoritário de Hodges-Farstad apresentou as evidências relativas ao episódio da mulher adúltera que ocupa João 7.53–8.11 que me chamou a atenção, sendo baseada no cotejo de mais de 900 manuscritos realizado por Hermann von Soden para esses doze versículos. Conforme indicado no aparato crítico, havia três correntes principais: $\mathbf{M^{5}}$, $\mathbf{M^{6}}$ e $\mathbf{M^{7}}$ ($\mathbf{M^{1\text{-}4}}$ são pequenas; somadas, representam menos da metade do volume de qualquer uma das grandes). A corrente **7** sempre figurava na maioria absoluta [exceto em um caso de divisão quíntupla, no qual não há maioria], pois era sempre acompanhada pela **5** ou pela **6** (as correntes **5** e **6** jamais vão contra a **7** juntas). Isso me pareceu indicar a existência de três correntes independentes, ou linhas de transmissão, onde raramente mais do que uma se desviaria do padrão em um dado ponto. Ora, se uma das correntes nunca se desvia, ela constitui o "núcleo", o "ponto de referência", o denominador comum. Portanto, a corrente **7** era claramente a melhor das três e, presumivelmente, também a mais antiga.

Em seguida, examinei o livro de Apocalipse (em H-F) e notei novamente três correntes principais: $\mathbf{M^{a\text{-}b}}$, $\mathbf{M^{c}}$ e $\mathbf{M^{d\text{-}e}}$. Esses grupos baseiam-se no cotejo de 220 manuscritos realizado por Herman C. Hoskier para esse livro (mais de 75% do total), o que fornece uma base empírica sólida para nossos cálculos. O cenário era análogo ao do episódio anterior. O Apocalipse representa um trecho muito maior do que aqueles doze versículos; ainda assim, há apenas 16 casos claros em que **a-b** e **d-e** se unem contra **c** (mais 11 casos em que um deles se divide), e apenas dois desses 27 casos acarretam alguma diferença real de significado. Isso contrasta com 153 passagens em que **a-b** e **c** se unem contra **d-e**, e com 174 passagens em que **c** e **d-e** se unem contra **a-b**. Novamente, se uma das correntes raramente se desvia, ela é o "núcleo", o "ponto de referência", o denominador comum; portanto, **c** era claramente a melhor das três (as evidências para essa afirmação encontram-se no aparato crítico do meu texto grego do Apocalipse).

Pois bem, acontece que o grupo **M^{7}** no Evangelho de João e o grupo **M^{c}** no Apocalipse correspondem à minha Família 35. Então, pensei comigo mesmo: "**Se essa é a melhor linha de transmissão em João e no Apocalipse, é bem possível que também seja a melhor nos demais livros**". Para verificar isso, eu precisaria cotejar um número representativo de manuscritos da família. E, para tanto, seria necessário elaborar uma forma arquetípica provisória do texto da família. Trata-se simplesmente de uma questão de eficiência: um manuscrito deve ser cotejado com um texto-base, e quanto mais próximo ele estiver desse texto, menor será o número de variantes registradas no aparato crítico. Comecei pelos Evangelhos, pois dispunha dos números de 127 manuscritos que eram representantes perfeitos da família para João 7.53-8.11. Felizmente para mim, F.H.A. Scrivener havia publicado cotejos de cinquenta manuscritos, quatro dos quais pertenciam à F35. A maioria dos manuscritos da F35 foi copiada com tanto esmero que com apenas quatro deles consegui produzir um texto-base provisório. Por exemplo, se bem me lembro, no caso de Mateus, fiz apenas 16 alterações nessa base provisória para chegar à forma final.

É preciso fazer uma menção especial ao INTF, em Münster, na Alemanha. A série *Text und Textwert* começou a ser publicada em 1987; a série *Editio Critica Maior*, em 1997; e a *Kurzgefasste Liste* foi publicada em 1994. Tenho exemplares de tudo o que foi publicado até o momento. Comecei a utilizá-los intensamente em 2001. Ora, para cotejar um manuscrito é preciso ter acesso a uma cópia dele, e naquela época não havia cópias disponíveis na internet. Comecei adquirindo cópias em microfilme de manuscritos selecionados. Um microfilme reduz o tamanho das páginas em 20 vezes; portanto, para lê-los, é preciso encontrar um aparelho que leia microfilmes e restaure as imagens ao tamanho original. O Congresso Nacional, aqui em Brasília, dispõe de tais equipamentos, que pude utilizar. No entanto, é um processo demorado: você converte cada imagem em PDF, uma por uma, e depois copia os PDFs para o seu pendrive. Em casa, eu imprimia as imagens, uma a uma, para ter uma cópia em papel para cotejá-la. Aos poucos, tornou-se possível adquirir cópias em papel, e também em PDF, junto às bibliotecas que possuíam os manuscritos. Hoje, a maioria dos manuscritos conhecidos está disponível gratuitamente na internet em formato PDF. Como os tempos mudaram!

Foi von Soden quem primeiro identificou a Família 35 como uma linha de transmissão, denominando-a **K^{r}** e considerando-a uma revisão tardia de sua **K^{x}** — uma classificação que o meio acadêmico, em geral, tem seguido até hoje. No entanto, como **M^{7}** em João e **M^{c}** no Apocalipse representam a minha Família 35, comecei a desconfiar de algo. Por que desconfiar? Porque **M^{7}** é claramente mais antigo do que **M^{5}** e **M^{6}** naquele episódio, e **M^{c}** é claramente mais antigo do que **M^{a-b}** e **M^{d-e}** no Apocalipse; contudo, von Soden afirmou que **K^{r}** era uma revisão de **K^{x}**. Como poderia ser uma revisão se era mais antigo do que aquilo

que supostamente revisava? Como poderia ser uma revisão se já existia antes de a suposta revisão ter sido realizada?

Além disso, a série *Text und Textwert* demonstrou que **K^{r}** é independente de **K^{x}** em todo o Novo Testamento. Disso decorre que **K^{r}** não pode ser uma revisão de **K^{x}**. Há, ainda, centenas de passagens em que **K^{r}** tem atestação antiga evidente em oposição a **K^{x}**, mas não existe um padrão nessa atestação antiga. Na ausência de um padrão, conclui-se que **K^{r}** deve ser antigo, tal como o quadro observado no episódio em questão e no livro de Apocalipse já sugeriu. Se **K^{r}** é antigo e independente, então deve ser reabilitado na prática da crítica textual do Novo Testamento. Visto que não se trata de uma revisão, a designação **K^{r}** não deve mais ser utilizada. Aqueles que não desejam utilizar a **f^{35}** deveriam utilizar a **f^{18}**.

Quando publiquei o Novo Testamento grego segundo a Família 35, no início de 2014, eu já havia cotejado pelo menos 20 manuscritos para cada livro e mais de 30 para a maioria deles. Agora, já cotejei 58, 66, 56 e 63 manuscritos respectivamente para os quatro Evangelhos; não menos que 44 para Atos e as Epístolas Gerais; não menos que 34 para as cartas de Paulo; e 31 para o Apocalipse, além dos cotejos de Hoskier. Já cotejei uma cópia perfeita do arquétipo da família para 23 dos 27 livros do Novo Testamento. Para outros três já cotejei uma cópia completa; com as correções e alternativas não se perdeu sequer uma letra. Quanto ao último, Atos, já cotejei uma cópia à qual falta apenas uma palavra e duas letras para ser completa. A melhor cópia que possuo é perfeita para 17 dos livros e data do século XV. Isso significa que todos os seus antecessores, ao longo dos séculos, também eram perfeitos para esses livros! Qualquer pessoa que já tenha cotejado vários manuscritos compreenderá quando digo que uma transmissão tão perfeita é sobrenatural.

Minha afirmação de que o Espírito Santo utilizou a linha de transmissão que chamo de Família 35 para preservar a exata redação original do Novo Testamento baseia-se em evidências objetivas. Essas evidências são apresentadas detalhadamente em meu livro, *Deus Preservou o Seu Texto! A Preservação Divina do Novo Testamento*, atualmente em sua terceira edição. A obra pode ser adquirida no Clube de Autores, ou baixada em meu site: www.prunch.org. O equivalente em inglês já está na sétima edição, na Amazon, bem como no meu site.